

Memórias do Movimento Revolucionário Oito de Outubro – MR8

Eladir Santos

Doutora e mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Resumo: A memória das atuações do Movimento Revolucionário Oito de Outubro apresenta-se hoje em constante disputa. Diferenciam-se, divergem, concordam, disputam espaço e procuram enquadrar o ponto de vista daquele que rememora. Essas memórias em disputa compõem a história e a identidade da organização política, assim como possuem intrínseca relação com os conflitos então vivenciados e com os conflitos ainda hoje presentes no campo político das esquerdas brasileiras. São memórias que ora apresentam o MR8 como uma organização conservadora, ora apresentam-no como uma organização de práticas emancipatórias. Uma apresenta o MR8 como uma organização que lutava por permanências, outras o apresentam como uma organização que lutava por mudanças. As alterações da linha política do MR8 implementadas pela militância a partir das formulações do III Congresso do MR8 acarretaram um desacordo entre o discurso e a prática da militância, tornando-se, em grande parte, responsáveis por essas disputas de memórias que hoje encontramos.

Palavras-chave: MR8; disputas de memórias; cultura política.

Memories of Revolutionary Movement Eight October – MR8

Abstract: The memory of the performances of the Revolutionary Movement Eight October presents themselves today in constant dispute. They differentiate, diverge, agree, fight for space and seek to frame the perspective of one who remembers. These memories in dispute make up the history and the identity of the political organization as well as possess inseparably linked to the then current conflicts and conflicts still present in the political arena of Brazilian left. These are memories that now have the MR8 as a conservative organization now present it as an organization of emancipatory practices. A feature the MR8 as an organization that fought for stays, others have it as an organization that fought for change. Changes in MR8's political line implemented by militancy from the formulations of the III Congress MR8 led to a disagreement between

theory and practice of militancy becoming largely responsible for these disputes memories that we find today.

Keywords: MR8; disputes memories; political culture.

O MR8 é o único grupo que tem as chamadas “tropas de choque”, jovens dispostos às tarefas mais duras, cansativas e arriscadas, a maioria deles é procedente do movimento estudantil.

Este trecho faz parte da reportagem que tem como título *Saturnino isola MR8 mas corrente continua no PMDB*, publicada em 31 de maio de 1981, no *Jornal do Brasil*, um veículo de grande circulação no Rio de Janeiro dos anos 1980.

Saturnino Braga era um dos principais dirigentes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), no Rio de Janeiro. Ele procurava isolar e neutralizar, segundo a matéria jornalística, a participação da organização política Movimento Revolucionário Oito de Outubro no interior da agremiação partidária PMDB.

Em 1981, o PMDB do Rio de Janeiro era formado, em sua maioria, por políticos liberais e conservadores, mas ainda era um espaço disputado por militantes de algumas organizações da esquerda revolucionária que viviam, naqueles anos finais da ditadura, uma situação de semiclandestinidade. Essas organizações entendiam o PMDB como uma importante frente de luta pelas liberdades democráticas e pelo fim da ditadura. No entanto, os militantes das organizações revolucionárias sempre estiveram alijados da direção partidária por ação dos políticos moderados que temiam propostas mais radicais contra a ditadura. Dessas organizações, a mais temida, por parte do campo majoritário e conservador, era o MR8. Temiam-no pela radicalidade de suas propostas e pela energia com que as defendia. A afirmação apresentada na reportagem partiu dos integrantes moderados do PMDB que identificavam o MR8 como o único grupo político a possuir as “tropas de choque”. Esclarecem que essa tropa de choque era formada por “jovens dispostos às tarefas mais duras, cansativas e arriscadas”, destacando a sua origem de classe: o movimento estudantil.

A expressão “tropas de choque”, que é comumente utilizada para nomear as equipes especialmente treinadas para embates e missões arriscadas, não era somente utilizada pelos integrantes do PMDB para nomear os militantes do MR8. A expressão era também bastante utilizada por militantes de várias organizações que atuavam nos movimentos sociais de várias cidades brasileiras, nos primeiros anos da década de 1980, para de forma pejorativa e caricatural, nomear a ação dos militantes do MR8.

Essas organizações recriminavam a disposição e a forma aguerrida da militância do MR8, em todos os embates que travava. Chamavam-nas de “truculência” do pessoal do MR8. Diante das vitórias das propostas trazidas pela militância, muitos atores dos movimentos sociais da década 1980 atribuíam tais vitórias à ação das “tropas de choque” e à “truculência” da militância da organização. Dessa forma, criavam uma imagem que, de forma caricatural, destacava e revelava sobre todas as outras características da organização MR8 o aspecto da chamada “truculência”, apresentando-a como algo jocoso e impróprio para uma atuação política efetiva.

Procurava-se ironizar o modo do MR8 fazer política identificando-o como o grupo que sempre levava a sua “tropa de choque”. No entanto, a jocosidade e ironia da expressão “tropa de choque” apresentava uma parte da realidade, ao mesmo tempo em que escondia e simplificava outra parte dessa mesma realidade.

Realmente, não deixa de ser legítimo associar o MR8 a um estilo frenético e contundente de fazer política. Estilo desenvolvido desde o seu surgimento no ambiente universitário do final dos anos 1960, e que, será importante lembrarmos, naquela época, esteve muito presente nas lutas estudantis de 1968, sendo, então, uma característica do movimento bastante valorizada por sua efetividade. Fazem parte da memória do movimento estudantil de 1968 os inflamados embates verbais e até físicos ocorridos no período. E esse jeito ou estilo de fazer política jamais antes foi motivo de jocosidade e objeto de censura. Pelo contrário, era valorizado como efetividade na luta.

Outras organizações da esquerda, diante da intensa repressão imposta pelos organismos da ditadura, passaram a evitar os enfrentamentos mais diretos e os embates mais contundentes. No entanto, a militância do MR8, oriunda do movimento estudantil, jamais abandonou essa característica. E foi justamente devido a essa característica que ocorreu o imenso crescimento da organização no decorrer dos anos 1970. A energia com que a militância do MR8 defendia suas propostas seduzia atores dos vários movimentos sociais que passavam a engrossar as fileiras da organização.

No entanto, essa forma enérgica e contundente somente se tornou uma característica incômoda e vista de forma pejorativa a partir do início dos anos 1980. Mais precisamente, podemos apresentar como ponto inicial os momentos em que a militância do MR8 foi para as ruas, para a universidade e para as fábricas a fim de colocar em prática as mudanças da linha política gestadas no final dos anos 1970 e que foram vencedoras no III Congresso de 1982.

Essa linha política vinha sendo formulada paulatinamente pela direção do Movimento Revolucionário Oito de Outubro e tratava-se daquilo que a organização chamou de “grande salto de qualidade”. Consistia na compreensão do caráter da revolução brasileira como uma revolução nacional e democrática. Para realização dessa revolução seria necessária, segundo o MR8, a construção de uma frente nacional e democrática que colocaria fim à ditadura e acumularia forças para a construção de uma sociedade socialista. Devido a isso, a organização passou a priorizar as alianças e os acordos com setores da burguesia nacional que participariam dessa frente. Na prática, essa situação ficou consubstanciada no apoio do MR8 aos setores liberais e atrasados do PMDB.

Ocorre que essa proposta começou a ser colocada em prática pela militância do MR8 num momento em que os movimentos sociais viviam um grande ascenso e quando propostas de isolamento de setores da burguesia encontravam ecos em vários segmentos da sociedade. Neste contexto, as propostas do MR8 ficavam, a maior parte das vezes, na contramão dos movimentos e soavam atrasadas quando sugeriam e realizavam acordos com a burguesia nacional e com os liberais moderados e atrasados do PMDB. Exemplo disso foi o apoio que o MR8 deu a candidaturas peemedebistas moderadas e politicamente atrasadas, em várias capitais e cidades do país, nas eleições que tiveram lugar a partir do ano de 1982.

Toda a radicalidade contida na atuação da militância do MR8 não se coadunava com as propostas de alianças e soluções políticas que apresentavam para o país. A contradição entre a atuação radicalizada, o estilo frenético de fazer política e as propostas moderadas de acordos com setores atrasados da burguesia tornaram-se motivo de escárnio por parte dos setores da esquerda. Era a forma como reagiam diante da diferença entre o discurso e a prática do MR8.

E será esse aspecto que hoje, passados três décadas e meia desde as atuações do MR8 que foram aqui citadas, que verificamos o quanto ele foi colaborador para o que chamamos de verdadeiras disputas de memórias quando tratamos do MR8. Isso porque

as memórias divergem e disputam espaço no processo de construção da memória coletiva, da história e da identidade do Movimento Revolucionário Oito de Outubro.

Nestas disputas verificamos duas formas diferentes de classificação da organização no contexto da luta antiditatorial. A primeira classifica as atuações do MR8 como reformistas, pelegas, adesistas, oportunistas e não colaboradoras para a emancipação do povo brasileiro. A outra, identifica a organização como corajosa, efetiva e contundente na luta pelo isolamento do governo ditatorial, principalmente por ter sido capaz de “quebrar o pau”, “ir prá luta de peito aberto” e de forma aguerrida e, por vezes, truculenta, vender seu jornal *Hora do Povo*¹ e brigar pela construção de uma frente política que botava em xeque a ditadura.

Quando buscamos as memórias dos antigos militantes, tais divergências configuram-se como verdadeiras disputas de memórias. Há uma memória dos que permaneceram na organização, após as várias lutas internas e que, por isso, possuem, até hoje, um intenso sentimento de pertença ao MR8. Esses querem enquadrar uma memória coletiva favorável ao grupo político, nas diferentes conjunturas em que a organização atuou.

Há, por outro lado, uma memória daqueles que pertenceram à organização e que, em algum momento, divergiram da linha política traçada pelo Comitê Central e tornaram-se dissidentes. Esses apresentam memórias divergentes das dos que permaneceram. Muitas vezes, apresentam uma memória, a partir do momento em que deixaram a organização, desfavorável ao grupo em termos de sua posição no campo político das esquerdas. Partilham também dessa memória militantes e ativistas de outras organizações que travavam embates com a organização nos anos 1980.

Para uns, as atuações do MR8 sempre foram ideologicamente pertencentes ao campo comunista, como declaravam os documentos da organização. Para outros, elas eram inicialmente, ou seja na primeira década de existência da organização, pertencentes ao campo comunista, posteriormente, a partir do final da década 1970, passaram a pertencer ao campo liberal ou conservador.

É, justamente, a partir dessas disputas de memórias que procuramos construir conhecimentos relativos ao MR8. Autointitulando-se como uma organização marxista-

¹ O jornal *Hora do Povo* (HP) se tornou o principal instrumento de divulgação e propaganda do MR8. Publicação iniciada em 1980, se constituiu no fator em torno do qual gravitou toda a agitação e propaganda realizada pela militância. Devido à situação semiclandestina da organização, os porta-vozes do MR8 negavam, até o ano de 1985, a vinculação do MR8 com o HP. Vinculação que, na prática, era conhecida por todos que atuavam no campo político das esquerdas.

leninista, o Movimento Revolucionário Oito de Outubro, ao longo de sua formação e no decorrer de suas atuações, foi se tornando um vetor social responsável pela reprodução de uma cultura política que lhe era peculiar. Mesmo neste quadro de disputas de memórias, os relatos obtidos são unânimes em apresentar a organização como algo peculiar, que reproduzia um certo tipo específico de fazer política.

A trajetória do MR8

O Movimento Revolucionário Oito de Outubro originou-se de uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no meio universitário do estado da Guanabara – a DI-GB –, que se formou a partir de 1964. Em novembro de 1966, a DI-GB foi, dentre as várias dissidências que se organizaram no interior do PCB, a primeira a abandonar as estruturas do partido. A principal causa para a ruptura definitiva era, conforme alegavam os dissidentes da Guanabara, a postura do PCB diante das eleições gerais propostas pelo governo ditatorial, em 1966. Nos meses que antecederam as eleições, os militantes da DI-GB, que ainda desenvolviam uma luta interna no interior do PCB, preconizavam o voto nulo na eleição. Consideravam que essa era a forma de denunciar o ambiente de arbítrio em que ocorriam as eleições com as quais o governo desejava legitimar-se no poder. Como o PCB se mantinha irredutível com relação à participação nas eleições, dedicando seu apoio aos candidatos do antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do antigo Partido Social Democrático (PSD), que ainda estavam na legalidade, os dissidentes da Guanabara, vencidos nesta luta interna, abandonaram o PCB.

Alguns meses depois, em fevereiro de 1967, a DI-GB realizou sua I Conferência, na qual se constituiu como uma organização. Pelo seu dinamismo, no meio universitário, a DI-GB atraiu o apoio e a adesão de jornalistas, bancários, publicitários e figuras no meio intelectual (GORENDER, 1987, p. 147). Embora tivesse formulado e declarado, nesta ocasião, a estratégia da luta armada como a única capaz de reagir à ditadura militar, a DI-GB continuava resistente à prática do foquismo,² optando por continuar na organização de protestos contra a ditadura.

² Foquismo é o nome dado à prática inspirada na teoria revolucionária proposta por Che Guevara no texto *La guerra de guerrillas*. Foi adotada, nos anos 1960, pelos grupos armados de esquerda e consistia, basicamente, em criar *focos* de revolução no mundo, como forma de enfraquecer o imperialismo. A premissa era de que a criação de múltiplos focos de guerrilha rural dificultava a ação repressora por parte

Em dezembro de 1967, a DI-GB realizou a sua II Conferência, na qual reafirmava a estratégia da luta armada e também a necessidade de ampliar a participação da militância no movimento estudantil. Com essa determinação, o MR8, no decorrer de 1968, se destacou nas mobilizações estudantis. Com lideranças importantes do movimento, a militância da DI-GB participou e saiu vencedora nas eleições para os diretórios acadêmicos das três principais universidades do estado da Guanabara, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual UERJ, e a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Também será a organização que elegerá a maioria dos delegados para o XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), que iria se realizar em outubro de 1968, em Ibiúna, São Paulo. Nesse congresso foram presos, entre outros, dois importantes líderes estudantis da DI-GB, Vladimir Palmeira e Franklin Martins.

Embora se autointitulando uma organização adepta da guerra revolucionária, a DI-GB, efetivamente, desde o seu desligamento do PCB, não se estruturou para a realização de tais práticas. Enquanto outras organizações da esquerda revolucionária saídas do PCB já há muito se estruturaram para a prática do militarismo, a DI-GB demorava a aderir efetivamente às ações armadas. Para Sales, isso se deveu, em grande parte, à origem de sua militância, que tinha suas raízes no movimento estudantil (SALES, 2007, p. 83). A militância do movimento estudantil que compunha a direção da DI-GB entendia-se como uma força auxiliar do movimento operário. A organização não tinha entre seus quadros, especialmente nos órgãos da direção partidária, representantes do operariado. Em seus documentos a DI-GB apresentava a compreensão de que o principal protagonista das lutas contra o capitalismo e pela construção da sociedade socialista deveria ser a classe operária. A contradição entre a prática do foquismo e a composição da DI-GB era, portanto, elemento inibidor para a pronta dedicação da organização às práticas militaristas, já que a guerrilha deslocava o protagonismo da luta da classe operária para os militantes da organização pertencentes ao movimento estudantil. Por isso, a adesão foi tão demorada como nos informou Sérgio Rubens. Ele que iniciou sua militância política na DI-GB como participante do movimento estudantil, nos anos 1990 se tornou secretário-geral do Movimento

das forças armadas governamentais. O foquismo recebeu numerosas e fortes críticas nos círculos marxistas.

Revolucionário Oito de Outubro após a morte de Claudio Campos.³ Sérgio Rubens acrescenta outro fator para uma melhor análise dessa questão da entrada do MR8 na luta armada. Ele afirma que os jovens da DI-GB, na época, estavam movidos pela vontade de se sentirem ativos naquela realidade. As argumentações para a cisão com o PCB foram, segundo Sérgio Rubens, resultado muito mais de fatores de cunho sentimental do que baseadas em uma avaliação concreta da realidade. Os jovens da DI-GB, após constituírem-se como organização, verificaram que as condições objetivas para a luta armada não estavam dadas naquela realidade objetiva.

Tem a teoria e a realidade. As coisas funcionavam a partir do sentimento, principalmente para os jovens que não tinham uma base teórica consolidada, e que estavam iniciando sua participação política. O fenômeno do surgimento das dissidências deve-se menos à questão das divergências teóricas e mais a uma questão do sentimento, de vontade de agir. Na época o PCB estava parado, e queríamos combater, chamar o pessoal para ir às ruas e fazer manifestações. (Entrevista Sérgio Rubens, 20 de julho de 2011).

A formulação teórica e prática para a entrada na luta armada somente ocorre quando, em abril de 1969, a DI-GB realizou a sua III Conferência. Na ocasião, mais uma vez, se autointitulou como organização comunista adepta da guerra revolucionária, porém, dessa vez, foi mais além nos seus propósitos. Diante da grande repressão sobre os movimentos de massas; da prisão das lideranças estudantis no XXX Congresso da UNE; da instituição do decreto nº 477 que colocava na ilegalidade as entidades estudantis e, principalmente, da publicação do Ato Institucional nº 5, a DI-GB não via mais um caminho pacífico para a revolução brasileira. A III Conferência da DI-GB orientou sua militância no sentido da participação de ações armadas. Considerava que, a partir daquele momento, estavam cessadas todas as possibilidades de ações de massa. Já que ocorrera o fechamento completo da ditadura, era necessário organizar a atuação na prática da luta armada, por isso a DI-GB criou o Grupo de Trabalhos Especiais (GTE), estruturado para ações de guerrilha urbana.

³ Claudio Campos, secretário-geral do MR8, que com o codinome de Daniel Terra dirigiu a organização a partir do Pleno de 1972. Ele foi responsável pela redação dos principais documentos da organização durante o período em que esta esteve na clandestinidade.

No entanto, a estrutura da organização não passou a se estabelecer somente para as ações armadas. O MR8 alocava a sua militância em três frentes: a frente média, frente de trabalho operário e frente de trabalho armado. Da frente média, participavam os setores mais recentemente integrados à organização. Do trabalho operário, participavam militantes que, oriundos do movimento estudantil, passavam a realizar recrutamentos de operários e a organizar um trabalho de denúncia política da situação econômica da classe trabalhadora e da falta de liberdade no país. Da frente armada, participavam os militantes treinados para o combate à ditadura com a prática do foquismo.

Mesmo organizando-se para as ações armadas, o trabalho junto às massas não deixou de ser realizado pelos militantes da DI-GB. Esse trabalho foi fortemente reprimido pelos organismos da ditadura, conforme nos informou o entrevistado Jorge Venâncio. Quando ele era estudante da Faculdade de Medicina da UFRJ, passou a participar do movimento estudantil e tornou-se, no final da década de 1960, membro da DI-GB. Ao longo de sua atuação na organização, nos anos 1970, foi integrante das três estruturas da DI-GB. Por atuar na luta armada, acabou preso pelos organismos da ditadura, exilou-se no Chile e retornou ao país no final da década de 1970 para organizar a atuação do MR8 nos movimentos sociais. Jorge Venâncio, que posteriormente participou dos três congressos do MR8, tendo colaborado para a formulação da linha política da organização como membro do Comitê Central, a partir dos anos 1980, nos informou a respeito da intensidade da repressão sobre os militantes da organização em todas as três frentes de trabalho em que estes atuavam na década de 1970 (Entrevista Jorge Alves de Almeida Venâncio, 18 de julho de 2011).

Em setembro de 1969, os militantes da frente de trabalho armado da DI-GB conceberam e organizaram o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick. Foi uma ação ousada e certa cujo desfecho, na data emblemática de 7 de setembro, comemoração da independência nacional, ocorreu com a troca do embaixador por 15 presos políticos pertencentes a organizações diversas. A DI-GB teve ao seu lado, na execução desta ação, quadros da Aliança Libertadora Nacional (ALN)⁴ (GORENDER, 1987, p. 147-154).

⁴ A ALN foi uma organização revolucionária também surgida das fileiras do PCB. Vinculada ao nome de Marighella, não possuía uma direção centralizada, se compunha de grupos com inteira liberdade de iniciativa. Os comandos ou coordenações só existiam para articular ações de maior envergadura. Seu princípio tático era o da ação militar. Do ponto de vista estratégico, a ALN herdou do PCB a teoria das

Foi no curso dessa ação que a DI-GB adotou o nome MR8. A organização considerou que não seria conveniente assinar o manifesto sobre o sequestro do embaixador americano como “dissidência universitária” – DI-GB. Preferiu adotar o nome de um jornal intitulado *Movimento Revolucionário Oito de Outubro*, data da morte de Che Guevara. Esse jornal fora editado por uma dissidência estudantil de Niterói exterminada pela ditadura, em 1969, depois da prisão de todos os seus membros, no oeste do Paraná. A partir deste ato, a DI-GB adotou a sigla MR8.

Segundo Gorender (1987, p. 167), o surgimento da sigla MR8 veio a partir da busca de solução para um problema aparentemente banal: a organização revolucionária carioca não poderia assinar o manifesto – que teve Franklin Martins como autor do projeto de redação – com a denominação de Dissidência Universitária da Guanabara. “Dissidência de quê? Ficaria a interrogação para o público não iniciado. Qual outra denominação adotar?” (GORENDER, 1987, p. 167). O autor segue nos informando que, fazia pouco, os órgãos policiais proclamaram a completa liquidação do MR8, e para demonstrar que a organização supostamente liquidada estava bem viva, a DI-GB “aproveitou a dica e adotou a sigla” (GORENDER, 1987, p. 167).

Em 1970, logo após o sequestro do embaixador americano, a organização sofreu grandes golpes da repressão. Todos os envolvidos sofreram perseguições. Ocorreram prisões, exílios e assassinatos que deixaram a organização em grande instabilidade. Mas, mesmo assim, o MR-8 ampliou seu trabalho estabelecendo contatos em fábricas e em áreas rurais. Em janeiro de 1971, publicou o documento *Orientação para a prática*. Neste documento, embora apresentando as ações de guerrilha como vitoriosas, constatava a redução de suas bases sociais com a prática da luta armada. Considerava que essa prática acarretava dificuldades para que o MR8 recompusesse seus quadros e aumentasse o número de militantes.

Em meados de 1971 e 1972, o MR8 sofreu mais golpes da repressão. Muitos militantes foram presos e a perseguição cada vez mais se intensificava. O Comitê Central do MR8 sofreu baixas. Os que conseguiram fugir da repressão buscaram o exílio, no Chile, onde recompuseram o trabalho da organização.

Ainda em 1971, o MR8 iniciou um processo de autocrítica que ganhou expressão com a publicação de documentos e com as atuações baseadas nas Resoluções

duas etapas da revolução: a etapa da revolução nacional, seguida da etapa do poder socialista (GORENDER, 1987, p. 97).

do Pleno de 1972. Era a proposta de retorno ao trabalho de massas e abandono da luta armada. O MR8 dessa forma apresentava uma nova linha de atuação superando o que passou a considerar um erro de vanguardismo. Procura, a partir desse movimento, dar um passo fundamental para a reconquista das bases sociais da esquerda (CAMURÇA; AARÃO REIS, 2007, p. 138).

A partir de 1972, a militância passou a participar de vários atos, ainda na clandestinidade, enquanto seus principais militantes se encontravam no exílio político no Chile. Naqueles momentos tinha início um processo de intimidade da organização MR8 com as lutas operárias e populares, ou seja, com os movimentos sociais (GORENDER, 1987, p. 200).

Em 1976, a organização aprofundou, em seu I Congresso, uma nova análise da conjuntura política e abandonou, definitivamente, a luta armada como tática necessária para o estabelecimento de um programa socialista de revolução. O MR8 passou a priorizar a discussão e orientação no sentido de uma tática que já vinha sendo posta em prática pela militância desde 1972, sob a orientação da direção partidária: a atuação, cada vez maior, nos movimentos sociais. Foi apresentado, na ocasião, o Programa Socialista para a Revolução Brasileira e a estratégia de construção de um Bloco Revolucionário baseado na capacidade hegemônica do proletariado (MR8, 1980, p. 51). A organização concluía que a classe trabalhadora não poderia estar sozinha na construção da sociedade socialista. Precisava contar com setores insatisfeitos da pequena burguesia.

Três anos depois, em 1979, o MR8 realizou o seu II Congresso. A organização inaugurava uma fase de grande expansão e tomava proporções nacionais. Na ocasião ocorreu a unificação do MR8 com outras organizações comunistas, entre elas, a Organização Comunista do Sul e a Fração Operária Comunista. Não foi um momento de grandes elaborações teóricas e estratégicas, no entanto, a organização reafirmou como sua principal tática a construção de uma frente popular para lutar por liberdades democráticas.

O II Congresso foi realizado muito mais para que a gente se compusesse com algumas organizações de esquerda (Comunistas do Sul, PO, PCR) com as quais vínhamos num processo de discussão. Foi a segunda leva de juntar organizações de esquerda que vivemos. A primeira foi na época

da luta armada quando veio o Lamarca e seu grupo. Nesse Congresso de 79, não alteramos nem tática nem estratégia (Entrevista Rosanita Campos, 19 de julho de 2011).

As palavras de Rosanita Campos, no entanto, contrastam com aquilo que podemos chamar de alargamento na proposta de construção da nova frente. No documento Resoluções do II Congresso de 1979, o MR8, ao levantar a bandeira da formação da Frente Popular aberta à participação daqueles que a organização considerava os "liberais mais combativos", afastava-se um pouco mais da sua proposta do I Congresso, que era a de construção do Bloco Revolucionário composto somente por setores ideologicamente comprometidos com o proletariado.

Verificamos que desde o final de 1979, isto é, a partir das decisões do II Congresso, a militância do MR8 passara a atuar nos movimentos sociais, organizando e orientando ações coletivas, procurando unir suas forças com a dos liberais mais combativos. Com esses setores já vinha trabalhando desde o período inicial da campanha pela anistia e da luta pelas liberdades democráticas. Atuava nas capitais e nas grandes e médias cidades do nordeste, sudeste e sul do país. O objetivo do MR8, além de formar a frente popular, era, conforme afirmava a organização,

(...) colocar-se na posição de direção dessa frente. Posição que deveria ser reconhecida pelas massas ao perceberem a militância do MR8 como o setor mais consequente da Frente Popular. Como aquele que sempre apresenta as propostas mais firmes, sem vacilações, sem atitudes irresponsáveis ou divisionistas (MR8, 1980, p. 51).

No III Congresso, em 1982, o MR8 radicaliza mais ainda propondo a ampliação da frente: a formação de alianças com setores liberais e grandes empresários da burguesia nacional. Na sua análise da sociedade brasileira, o programa da organização constatava que o golpe militar de 1964 teve como resultado uma alteração profunda nas relações entre as classes sociais no país. A grande burguesia industrial e financeira, intimamente ligada ao que a organização denominava como uma "política imperialista", afirmara-se, definitivamente, como fração hegemônica do bloco dominante. A partir dessas constatações, o MR8 concluía que estavam se desenhando, pouco a pouco, no interior da sociedade brasileira, dois grandes blocos de classes sociais que se

defrontavam na luta pelo poder e pelo controle da sociedade. O bloco dos que o MR8 intitulava de parasitas e exploradores era hegemonizado pelo grande capital aliado ao imperialismo. O outro bloco era o popular, a ampla maioria, formado pela classe operária urbana e rural, pequenos proprietários rurais e urbanos, pequena e média burguesia e a burguesia nacional. Todos esses setores do segundo bloco desejavam uma completa libertação e por isso poderiam ser ganhos para a luta revolucionária contra a ditadura, fossem eles católicos, trabalhistas, nacionalistas, socialistas, democratas, burgueses ou de outras tendências ideológicas. Com esses setores era necessário, de acordo com o MR8, “avançar na organização de uma ampla e vigorosa Frente Nacional que derrubaria a ditadura militar e acumularia forças para o fim definitivo da exploração da classe trabalhadora” (MR8, 1985, p. 40).

As propostas do III Congresso geraram uma intensa luta interna na organização. Muitos não concordavam com a necessidade de formação de uma frente amplíssima como a apresentada, pois a mesma acarretava a mudança do caráter da revolução brasileira. Consideravam um retrocesso, pois a burguesia nacional não possuía contradições antagônicas com o imperialismo, pelo contrário, estava, segundo os dissidentes de 1982, intimamente ligada ao imperialismo. Mesmo assim, ainda que não concordassem plenamente com as decisões do III Congresso, submetendo-se ao centralismo democrático,⁵ muitos militantes ainda permaneceram na organização até meados dos anos 1980, quando finalmente tomaram outros rumos políticos (Entrevista Marco Antonio dos Santos, 19 de fevereiro de 2014).

A organização colocava, portanto, na ordem do dia a Questão Nacional. Isso estava presente em todas as suas atuações. A estratégia para a formação da Frente Nacional seria a participação ativa da militância do MR8 nos movimentos sociais, reabrindo e criando entidades estudantis e associações de moradores, atuando em órgãos classistas e sindicais, participando do movimento de mulheres e, sobretudo, disputando espaço político no PMDB.

Devido às disputas acirradas que mantinha no interior do PMDB e nas demais frentes dos movimentos sociais, o MR8 esteve em grande evidência na chamada grande imprensa. No decorrer da primeira parte da década de 1980, veículos como *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Isto É* e *Veja* dedicaram à

⁵ Centralismo democrático – sistema de organização dos partidos comunistas leninistas no qual ocorre a submissão da minoria à maioria. As bases do partido têm direito à discussão livre sobre as questões, eventualmente, havendo discordâncias, há a defesa de posições e em seguida votação. Após isso, todos devem encaminhar a posição vencedora.

organização dezenas e dezenas de extensas matérias que procuravam apresentar, a maior parte das vezes, de forma irônica, as novas propostas da organização. Apresentava-as como pertencentes ao campo da direita e procuravam realçar o fato de que o MR8 havia mudado de lado.

Nessa época, tem início um franco processo em que o MR8, paulatinamente, sofre perdas no que se refere ao papel de referência que antes possuía, no campo das esquerdas. Depois do III Congresso de 1982, a unidade política, ideológica e orgânica do MR8 passou por uma série de abalos. As teses apresentadas pelo Comitê Central da organização sofreram muitas críticas internas. Um grupo considerável de militantes aderiu às teses de oposição. Tem lugar, no final de 1982 e início de 1983, o começo de uma disputa acirrada dos opositores pela sigla da organização. Disputas que se estendem às atuações nas entidades de massa e dentro do PMDB.

Os resultados da luta interna de 1982 fizeram com que um grande número de dirigentes e militantes do MR8 manifestasse seu desligamento da organização. Apresentaram várias razões para suas decisões, sendo a principal delas o fato de que o MR8 vinha defendendo uma política a reboque do falido nacionalismo burguês representado por parlamentares moderados do PMDB.

Com a saída de dirigentes e militantes do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo, Ceará e Paraíba, a proposta de intervenção no movimento operário e popular ficou bastante prejudicada. Ao lado da perda progressiva de militantes, logicamente, ocorria também a perda de espaço na condução dos movimentos sociais.

Considerações finais – “A questão das disputas de memórias”

Ao analisar as memórias relativas à organização, procuramos seguir a proposição de Gramsci para a construção de conhecimentos relativos a um partido político, qual seja, “dar a cada coisa a importância que ela tem no quadro geral, acentuando a eficiência real, positiva ou negativa” (1968, p. 25).

Sendo assim, no quadro geral, verificamos que as perdas internas e a perda de referência entre as esquerdas atingem o MR8, ironicamente, no mesmo momento em que no país formava-se uma ampla frente nacional e democrática que isolava o governo ditatorial e restabelecia o sistema democrático brasileiro, a partir de 1985. Esta frente que isolava e superava a ditadura, embora não fosse capitaneada pelas organizações

revolucionárias ou setores populares, conforme preconizara o MR8, era formada a partir de transformações ocorridas no interior do PMDB. O que se instalou no país foi um regime nacional e democrático sob a direção da burguesia nacional, apoiado pelos setores populares e dirigido pelo PMDB e uma ampla coalizão de partidos.

Sobre a memória dessa transição para uma conjuntura de liberdades democráticas e a participação do MR8 neste processo, verificamos outras disputas. Alguns entrevistados procuram enquadrar uma memória de imprescindibilidade das formulações, das atitudes e das análises apresentadas pela organização MR8 na condução dos movimentos sociais e na construção da frente nacional. Afirmam enfaticamente o quão foi acertada a proposta de construção de uma amplíssima frente popular, democrática e nacional para que ocorresse o fim do regime ditatorial. Para esses, a realidade comprovou não somente o acerto das posições, como também das palavras de ordem formuladas, das práticas políticas desenvolvidas e, sobretudo, das alianças construídas. Explicam a perda de espaço político do MR8 na condução do processo de transição com o fato de que as condições objetivas não estavam ainda suficientemente prontas para que a condução do processo de transição estivesse nas mãos de uma organização revolucionária. O nível de consciência de setores da frente construída – o PMDB – refletia os interesses ideológicos da maioria burguesa que determinava os rumos da agremiação partidária e do processo de saída do regime ditatorial. Daí porque o MR8 ainda tinha um importante papel a cumprir no interior do PMDB, que seria deslocá-lo, cada vez mais, para o campo dos interesses dos setores populares (Entrevista Sérgio Rubens, 20 de julho de 2011).

Por outro lado, dissidentes do MR8, especialmente os saídos da organização após a luta interna travada no decorrer do III Congresso de 1982, têm uma memória e conclusões diversas sobre as atuações do MR8 no processo de transição para o regime democrático. Quando falam desse período, lamentam as formulações da organização e a tática de construção de uma frente tão ampla. Rememoram que foi, a partir das alianças propostas e construídas com setores atrasados do PMDB, e até mesmo com os que colaboraram ativamente com os governos ditatoriais, que o MR8 perdeu o rumo. Passou, a partir dali, a compor o campo da direita e a atrasar as lutas dos movimentos sociais. Para comprovar essas afirmações, apresentam as alianças do MR8 com Jader Barbalho, no Pará; Chagas Freitas, no Rio de Janeiro; Orestes Quércia, em São Paulo; entre outras (Entrevista Lígia Bahia, 28 de janeiro de 2014).

As disputas de memórias hoje construídas contam as experiências, a formação identitária, o caráter, as lutas, os embates e as disputas desta que, podemos afirmar, foi uma das mais longevas organizações da esquerda revolucionária brasileira, que se iniciou no campo político em 1964, nele permanecendo por quatro décadas e meia.

Hoje, as memórias construídas relativas ao MR8 pelos que viveram a experiência dos movimentos sociais dos anos 1980 reatualizam as disputas então vividas e as disputas ainda presentes no campo político atual.

Referências bibliográficas

CAMURÇA, Marcelo Ayres; AARÃO REIS, Daniel. O Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8): da luta armada contra a ditadura à luta eleitoral no PMDB. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (orgs.). *As Esquerdas no Brasil*. 3. vol. Revolução e democracia, 1964. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____ (org.). *Culturas políticas na História: novos estudos*. 1. ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MR8, Movimento Revolucionário Oito de Outubro. I Congresso do Movimento Revolucionário 8 de Outubro. In: *Brasil Socialista*, ano II, n. 9, 1. ed., Nouvelles Editions Populaires, Renens, Suíça, abr. 1977.

_____. *Resoluções políticas do II Congresso do MR-8*. São Paulo: Quilombo, 1980.

_____. *Unir a nação e romper com a dependência: informe do Comitê Central ao III Congresso*. 1. ed. São Paulo: Edições MR8, 1985.

SALES, Jean Rodrigues. *A luta armada contra a ditadura militar: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SOUZA, Nilson Araújo de. *Sim! Reconstrução Nacional*. 1. ed. São Paulo: Global, 1984.

TERRA, Daniel. *Contra o doutrinário e o economicismo: por uma tática proletária de combate à ditadura*. Mimeografado. 1975.

_____. *Socialismo e liberdades democráticas*. Mimeografado. 1975.

Jornais e revistas (autoria das matérias não informada)

MR8 abandona o PC e vai apoiar os chaguistas. *O Estado de São Paulo*, 2 jun. 1985.

MR8 se converte e escolhe a paz. *Jornal do Brasil*, 22 out. 1985.

Saturnino isola MR8, mas corrente continua no PMDB. *Jornal do Brasil*, 31 mai. 1981.